N.º 36 (158) — 4.º ANNO

Terça-feira, 18 de Julho de 1911

PREÇO 20 RS.

Semanario de caricaturas e humoristico

Propriedade da Empreza do jornal O ZÉ

DIRECTOR E EDITOR
ESTEVAO DE CARVALHO

CARICATURISTA
SILVA E SOUSA

ADMINISTRADOR
RICARDO DE SOUSA

Typ. do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27

SUCCESSOR DO JORNAL «O XUAO»

Redacção e administração: R. da Rosa 162, 1.º, Esq.º — LISBOA

FALTA JUSTISSIMA!

Como é que o petiz podia ir á Italia, se, coitado, estava tratando do objecto da sua coroação, que a Gaby solicitamente confeccionou?!

A piedade de Maria Pia

Ha dias pelo telephone chegou a nova de que morrera aquella que fôra rainha de Portugal.

O povo portuguez sempre d'alma generosa e bôa, acolheu com indifferentismo a noticia e resignado exclamava encolhendo os hombros: «Escusa de estar cá a soffrer».

Aproveitou no entanto o republicano á força das circumstancias, o adhesivo «refinée» para incensál-a, epitetando-a com todos os adjectivos piedosos que tinha nos diccionarios, querendo fazer ver que o povo a devia chorar.

Ha que distinguir. O povo acolheu com indifferença a sua morte mas não tem que a chorar. Uma rainha sempre é uma rainha. Mesmo que não seja e um objecto de luxo e os objectos de luxo estão caros. Que não era jesuita, dizem. Que importa, no entanto? Um ente pensar logicamente, sem baixeza, não é razão sufficiente para nos reger, para nos avassalar. A nenhum povo, e muito menos ao nosso ha muito resgatado moralmente. Emquanto houver em Portugal um cerebro illuminado pela razão, nenhuma testa coroada exercer-lhe-ha o seu dominio porque, sempre haverá um punhal que brilhe, um revolver que o illumine, uma bomba que o desfaça.

Não temos que chorar Maria Pia.

—Era piedosa, dizem outros. A piedade alia-se á abnegação e á humildade. Maria Pia gastou em papel de cartas só d'uma vez um conto de réis!!

Se alguem deve ser epitetado de piedoso é o povo e só o povo. Olhae para o quadro que a commissão de syndicancia apurou na Thesouraria do ministerio das Finanças.

Ministros	Importancias pagas não restituidas
Marianno de Carvalho	797:772$944
Hintze Ribeiro........	389:872$554
Mattozo dos Santos..	171:317$093
Espregueira.........	92:205$469
Pequito.............	26:000$000
Teixeira de Sousa....	24:517$535
Ressano Garcia......	14:411$451
Penha Garcia........	8:000$000
Anselmo Andrade....	1:000$000
Total...	1.523:685$576

Explicado, porém, que a caridade nobre se deve alojar e mostrar á altura de se tornar grandiosa, nós comprehendemos e ficamos satisfeitos com estes eloquentes numeros. D'outra fórma é incomprehensivel tal dispendio de dinheiro. Maria Pia, sabia isso, tanto que o seu celebre guarda-roupa em 1904 nos custou 51.055$000, sendo para o seu 3.º andar só 14.972$000, com accrescentamentos de 25.983$000, e umas pequenas modificações em 10:000$000!!!

A Pompadour custou, pouco mais ou menos, á França 60.000:000 de francos e não era tão caridosa, nem teve o seu elogio funebre tão cheio de adjectivos piedosos. A Du Barry, amiga intima de Luiz XV que tinha no entanto esse grande sentimento filho das pessoas que lidam com grandes thesouros um dia pagou por um castão de bengala 546 libras, capricho de mulher, digo caridade magnificente, para offerecer a um lacaio!! O estado financeiro do paiz não permittia á nossa rainha fazer tão grande caridade. E é assim que foi notada e reparada a misera insignificancia de 1.300$000 para canalisações do palacio de Cintra! 1.300$000 para canalisações d'um palacio em que as reparações são de 38 202$170 e os arranjos de 4.947$490, é uma miseria de causar vergonha perante as outras nações.

Não resta duvida, que debaixo d'este ponto de vista, o povo tem de chorar a sua bondade infinita.

Ainda ha mais. A sua bondade não se limitava ao extincto reino. Ia espalhal-a regiamente pelas outras cidades do mundo. Rezam as contas:

O sr. Hintze Ribeiro auctorizou a entrega de 20 contos para despeza da rainha á Italia.

A 13 de fevereiro de 97 pagava-se á Companhia dos Wagons Leitos por despezas feitas por aquella senhora 1.668:988. Em 7 d'abril do mesmo anno Ressano Garcia auctorisava o pagamento á mesma Companhia, da quantia de 4.471:571 réis. A 18 d'agosto de 1905 a mesma Companhia recebia 1.238:088 auctorizados pelo sr. Espregueira, e a 5 d'outubro 901:063 reis.

O sr. Anselmo Andrade ainda á mesma companhia dos Wagons Leitos ordenava o pagamento de 1.954:174 e o sr. Mattoso dos Santos 5.145:858 a 14 de março de 1901 e 4.421:396 em 14 de outubro do mesmo anno., A 10 de março de 1902 mais 2.314:601, a 19 de maio 5.842::903 e a 19 de dezembro 4.319:135 reis. 3 dias depois para um passeio de beneficencia de Nice a Veutenille mais 506:481 reis. Não ficou por aqui o sr. Mattoso dos Santos no auxilio prestado á ex.ma sr.a D. Maria Pia nas suas obras de caridade. A 27 de fevereiro de 1903 por causa d'um d'esses passeios de Paris a Roma, mais 1.153:980 reis e de Turim a Paris 126:765 réis. O sr. Teixeira de Sousa, ainda á Companhia dos Wagons Leitos pagou do dinheiro da nação 3.193:481 em 14 de abril de 1903 e a 15 mais 1.953,05 francos em 442:389.

De resto os ministros abonavam tambem algumas insignificantes quantias para as primeiras beneficencias. A 31 de outubro de 91, 1.644 libras para despezas no estrangeiro. O sr. Espregueira mandava a 30 de setembro de 905 entregar á sr.a D. Maria Pia em Aix-les-Bains, 5.610:000, quantia que muito minorou a mizeria d'aquella praia! A 14 de outubro lá iam mais 5.640:000 para Turim para a mesma senhora. A 22 de dezembro de 902 o sr. Mattoso dos Santos remettia para Roma 33.400 liras ou 7.576:728.

Os numeros augmentam sem fim, e a mizeria decrescia a olhos vistos. Não resta duvida que o povo a devia chorar. Irrisorios e despreziveis são aquelles que chamaram ao Bragança varado pelas balas justiceiras, e aos seus ministros: «Ali-bábá e os quarenta ladrões!» Irrisorios sim! Porque ouvindo só a voz da consciencia de contribuinte esqueciam que todo o dinheiro saido dos cofres do estado eram para trazer a felicidade e o bem estar de milhares de familias...

E emquanto á sr.a D. Maria Pia não rezar contas de rozarios é porque certamente se dava melhor com as contas das modistas e com os contos da nação. O resto... são contos.

Fulano de Tal.

Uma festa

Revestiu a maxima imponencia, a interessante festa dos prestimosos collaboradores da empreza do theatro Variedades—os porteiros que, proporcionaram ao publico uma optima soirée blanche.

Começando nos fauteuils e terminando nas bancadas geraes que regorgitavam de povo, vimos com inefavel prazer, como os que produsem, os que são a alma viva da nação, ali concorrem á festa dos que trabalham.

De tão encantadora festa ficou-nos a saudade da surpresa que o distincto actor, Alvaro Cabral, mimoseou a multidão, com a brilhante dicção da poesia que abaixo transcrevemos, e com alma de quem sabe soffrer e sentir, soube magestosamente interpretar com fogo e ardencia que só o portuguez possue, o estro do poeta anonymo que obteve os hurras da multidão que tocou as raias do delirio.

Cabral, foi com justiça ovacionado. Resta nos ainda, a insinuante Zulmira, essa vocação artistica que anda á mercê da incuria, e que hontem substituindo Raphaela Fons, provou a sua intuição e valor se a guiarem e d'ella cuidarem.

Tem vastissimos recursos vocaes, é pena vel a assim ao deus dará da sorte.

Felicitamos o talentoso escriptor Marçal Vaz, pela sua gentileza para com os humildes collaboradores que, não olvidarão o altruismo da empreza. Ainda um bravo ao modesto auctor da poesia que se acobertou no anonymato.

SAUDAÇÃO

Macilento, faminto e despresado
Recordando seus louros do passado
Seguia estrada fóra o pobresinho.
Meditava na memoria de seus filhos
Os heroes que lhe deram faustos brilhos
Traçando pelos mares um caminho!

E o pobre Portugal, o caminhante
Com magoa murmurava, soluçante:
Cavaram-me a deshonra e um abysmo!
Se filhos 'inda tenho com vigor
Levantae vosso braço redemptor
E dae provas d'amor e patriotismo!

—Coragem! Lhe responde em tom guerreiro
O bom povo, o soldado, o marinheiro.
—A patria manterá a integridade!
E n'um gesto de nobre valentia
Mutilam os grilhões da tyrania
Desfraldando o pendão da liberdade!

A'quelles que souberam batalhar
Gloria aos heroes de terra!
Gloria aos heroes do mar!

XV-VII-911

João Puge.
«Zina»

Ena pae!

Se fossem a acceitar toda a gente que se offerece para marchar para a fronteira ficava o centro do paiz sem ninguem.

No interior só ficava o Zé de Almeida!

Epitaphio

Aqui jaz um grande alarve
Que foi pobre e desgraçado;
Passou as passas do Algarve
Para ao fim morrer passado!

Viuse-grego.

Factos são Factos

Não ha povo algum que imite sequer o portuguez, não ha quem como elle seja sofredor e que tão bom estomago tenha para bem digerir tudo e tão má memoria possua para tão facilmente se adaptar ao bajulismo, á albarda e á reinação, em tudo unico em tudo alegre.

A não ser assim, como se comprehendem as immoralidades que constante guarida teem e o povo nem ao menos d'ellas procura inquirir? Se não fôra a constante reinação que o enebria e encanta, como se admittiriam tantos pseudos republicanos sentados á mesa doirada do orçamento que até hoje tem tido larga fatia para adeptos e afilhados? Só assim, se explica a invasão de tanta sanguesuga e arranjista que por ahi vemos de cabeça alta e ar petulante, ameaçando ceu e terra se alguem ousa estorvar-lhes a succulenta pastagem. E' a eterna questão—a ambição!

Os mais devotados, os mais sacrificados e torturados da republica e pela republica, ahi os vemos pelos cantos das ruas da capital, vergados pela estiolação e pela dôr que os avilta aos olhos dos que muito bem se souberam aproveitar da revolução de 5 d'outubro.

Já procurou o povo indagar dos serviços que á patria prestaram certos magnates que hoje vemos do seu throno de eburneo olhando d'alto para aquelles que tanto nos perseguiram e calumniaram?

Ainda não, nem vale a pena fazel-o porque, uma vez feita a revolução, de nada mais necessita Portugal! A destruição foi indispensavel, a construcção não tem importancia, a reorganisação social nascerá n'uma manhã de nevoeiro! Basta que folguemos, que brinquemos e que gosemos porque a vida são dois dias.

E' da tua indifferença pobre povo que elles se governam, é ainda da tua sentimentalidade que elles vivem—sim sentimentalidade, porque não ha povo tão generoso, tão altruista e tão grande como o é o portuguez. Se elles soubessem ou quizessem canalisar a nobresa dos teus sentimentos com a grandesa do ideal—teriamos um grande paiz e um forte povo! Mas uma vez realisada a unção dos vossos sentimentos com a ideia, teriamos aberto o caminho para a grande, para a unica revolução que o progresso nos indica e ensina—a revolução das ideias!

Só ella será capaz de demonstrar ao povo, quanta illusão o cega quanta traficancia por ahi passeia gargalheando da sua boa fé, da grandesa dos seus sentimentos.

Já o grande escriptor Nordau disse: os politicos de profissão, são seres inferiores recrutados das grandes camadas intellectuaes.

Dura mas grande verdade.

(Continúa)

Ariejnaral

Tão certo!

No Porto foi preso um cidadão na Praça da *Liberdade*.

Parece piada mas não é.

Inda a gente ha-de ver grevistas a levarem chamfalhada na rua da *Fraternide*.

Peor ainda!

Uma gazeta dizia que a ex-rainha Maria Pia não gostava de jesuitas.

Mas gostava de se adeantar, camaradinhas!

Impressões do feminismo

Batêmos á porta da gentil feminista, derreados com um calôr asphyxiante.

— Quem é? pergunta de dentro uma vosita celestial.

— Um criado de V. Ex.ª, responde de fóra uma *vosôna* d'animal. Devem calcular que a resposta foi nossa.

Abre a porta uma sopeira, capaz de ensopar todos os suóres que levávamos n'esse momento. Entabolamos negociações, a amabilissima criada intruduz-nos n'um confortavel gabinete onde se encontrava a distincta feminista francêza Mademoiselle X. que nos propusémos entrevistar. S. Ex.ª jazia reclinada n'uma poltrona, em attitude que provocava irritações nos homens. E depois S. Ex.ª era bôa como bôa!...

Levantou a cabeça e perguntou negligentemente:

— O que deseja?

— Coisa pouca, *mademoiselle*. Vimos simplesmente saber qual a opinião da grande massa feminista em face das reformas porque está passando a sociedade portugueza

— Na minha qualidade de francêsa não não me compete intrometter-me n'esses assumptos, mas como representante do feminismo internacional, direi alguma coisa.

— Primeiramente, a Republica convem-lhes?

— Se convem?! Na monarchia não éramos livres. Viviamos em sobresalto constante. Era rára a mulher que não tivesse incommodos.

— E agóra?

— Agóra respira-se. Já não andamos com o sangue a escaldar. Desde o dia 5 de outubro que as mulheres são como os homens...

— Sempre lhes ha-de faltar qualquer coisa, interrompêmos.

— Falta, mas não é grande a falta.

Palmo a mais, palmo a menos que diabo é isso?

— V. Ex.ª por occasião da revolução, praticou algum acto de bravura?

Não; as feministas não sahiram para a rua. Sahiram os maridos, que foram uns heróes. Enfeitamo los em casa...

— Com o quê?

— Olhe, eu enfeitei o meu da maneira mais simples...

— Mas isso não é feminismo, *mademoiselle*. Isso é coisa mais fina...

— Na minha terra chama-se a essa coisa *encabidar* um homem...

— O melhor é mudar-mos de posição, cavalheiro, disse a feminista um pouco zangada.

— V. Ex.ª teve pêna da familia real?

— Só tive pena do reisinho. Não era feio e tinha um geito no queixinho de que eu gostava muito. Estava sempre a bater o queixo... Não devia ser mau reinar um boccado... com elle.

— A bater continuadamente o queixo só gatos é que conhecemos...

— Talvez elle bebesse agua como os gatos...

Não é difficil! Quer aprender o cavalheiro?

Não, *mademmoiselle*. Agora se V. Ex.ª quizer, ensinar-lhe-hei a chuchar pau cachucho. Uma mulher para se governar deve saber tudo...

Mas... que mais?

— V. Ex.ª não teve pena da rainha D. Amelia?

— Nenhuma!

— Porem ella era franceza, observamos.

— Mas eu é que não gosto de vér francezas de corôa.

— Pois saiba V. Ex.ª; nós apezar de republicanos gostamos muito.

— Porque?

— Porque não somos mal servidos... com os modos de reinar...

— Eu bem sei que as francezas são damnadas para a reinação. Eu tambem gosto... Mas não entrando em certas miudezas, já se vê...

— E sobre a constituição, V. Ex.ª não nos obsequiará com a sua opinião?

— A minha constituição interna é forte e saudavel. Descance...

Ficamos atrapalhados com a resposta e não insistimos. Só perguntámos:

— E o reconhecimento da Republica pelas nações ertrangeiras?

— Isso é poblematico. As potencias são tão egoistas...

— Quando é que a de V. Ex.ª reconherá a minha potencia? inquirimos com um certo calor...

— Se quizer póde fazer-se immediatamente... disse ella.

....

....

Á sahida a feminista, encostada muito a mim disse-me docemente:

— Olha, filho! Quando escreveres as minhas impressões no teu jornal não te esqueças de as acompanhares com o retrato da D. Maria Pia que é para haver maior venda... Percebes?...

O Chronista.

Ao postigo

III

Ahi! valentes!

É já tão grande o registo
Da nobre gente guerreira,
Para algum caso imprevisto,
Que só se ouve dizer isto:
—Ó coisa, vaes p'ra a fronteira?...

Que furias tão combatentes!
Tanta gente n'um pé só!
Mas que grande dôr de dentes!
São inda mais, os valentes,
Que as gelhas da minha avó!...

São paes, são mães, são sopeiras
E filhos que barbas tem,
Nutrindo ideias guerreiras!
É tudo a cerrar fileiras,
N'um mixto d'amor e bem!

Queiram desculpar se os masso
Mas é caso p'ra dizêr
Com grande desembaraço:
—Tanta gente sem cagaço,
E' signal de nada haver!...

Chronista.

Campo Pequeno

Corrida sensacional—Festa do cavalleiro JOSÉ BENTO d'ARAUJO

Para quinta-feira teem os aficionados uma bem organisada corrida, pois além de novamente poderem admirar o trabalho do eximio cavalleiro José Casimiro, que alterna n'um dos touros com o promotor da corrida, José Bento, haverá o trabalho em competencia dos distinctos espadas Gallito e Cocherito.

Para maior brilhantismo a corrida será nocturna, sendo a illuminação reforçada. Os amigos de José Bento preparam-lhe grandes manifestações.

A CIGANADA ERRANTE!

O Zé. — **Para onde irão agora estes bentinhos, depois de tão** grande victoria?! **Abandonam o galato ainda com a cabeça a descoberto sem conseguirem pôr-lhe a** tampa?! **Olá! pst! E' valentes! porque não vão vocês para o Vaticano que ha lá trabalho insano e desumano, com o** mano **do deputado de Leiria?!**

Casos bicudos

O' senhores lá do correio! O' illustres funccionarios que até já tendes fardamentos novos e mullas com guizeiras! Tende dó da gente! Tende compaixão de nós todos que andamos aqui a rir, com vontade de chorar ao vêr como vocês fazem o serviço!

Olhem-me para isso, camaradinhas!

Reparem que a gente expede ás **segundas-feiras** o nosso jornal para Granja de Alfarelos e elle, o vadio, só lá chega ao **sabbado!** Vejam lá por onde vagabundeia esse maroto!

Tenham compaixão da gente.

Olhem que os nossos assignantes e agentes podem-se escamar e deixar de nos enviarem as massas!

E isso é que era medonho!

Isso é que era uma revolução.

E a proposito de massas, olhem ricos filhos, venham cá. Cheguem-se á gente, espevitem as caixas auditoras, e oiçam!

Vocês estão muito lindos dentro das farpelas novas, mas muito relaxados (tenham paciencia) dentro da nova organisação...

Olhem que a gente manda os jornaes aos nossos assignantes e elles lá ficam. Não voltam devolvidos.

Portanto são entregues. E se são entregues é porque os destinatarios são conhecidos.

Pois quando a gente manda os recibos para cobrar as queridas massinhas, voltam devolvidos com a nota de «destinatario desconhecido.»

E' conhecido para receber o jornal, e desconhecido para pagar!

Providencias senhores das fatiotas novas, e das carroças pintadas de vermelho e verde!

Providencias senhor director geral dos correios!

Providencias dignissima assembleia nacional da zaragata diaria!

Providencias illustre governo que eras provisorio e agora já não ès!

Providencias altissimo presidente da republica portugueza, para quando estiverdes collocado no vosso poleiro!!

Providencias! Providencias! Providencias!

*
* *

Dezoito contos vae ganhar o presidente da republica, e ainda ha quem ache pouco!

Ha menino que queria o presidente a ganhar um dinheirão como se isto fosse um Brazil louco. Ha muito magico que desejava um presidente parecido com um rei, uma especie de magestade, um paspalho decorativo, um tubarão que engolisse um ordenado fabuloso, um parazita que nada fizesse, um vadio que, á tarde, na Avenida, andasse de carruagem a affrontar a miseria do *seu* povo!

«Os Ridiculos» é um d'esses.

Ha tempos que elle vem a fazer graça, tentando ridicularisar o presidente modesto, defendendo um presidente espectaculoso, elle que se diz um jornal deffensor do *Zé Povinho!*

Ainda ha dias o magico trazia o grande argumento de arromba de que o presidente devia ganhar muito, porque assim com doze contos recebe menos que um alto commissario do Ultramar.

Mas que tem isso com o caso, ó seu defensor do povo... e da barriga dos mandantes?!

Se esse commissario ganha muito que passe a ganhar menos!

Olhem... o Povinho ganha a dezoito e muitas vezes nem uma rata assada apanha!

*
* *

Ha propagandistas presos pelo grande e horrivel crime de fazer propaganda associativa.

Ha peixe-espada de vez em quando apezar do monopolio do peixe.

Dois telegrammas de adhesão enviados pelos guarda-freios de Lisboa aos seus collegas do Porto, foram sustados, como no tempo da monarchia eram sustados os telegramas dos republicanos!

D'antes, aos governos que procediam assim a gente chamava *thalassas*: agora nos tempos de liberdade, egualdade e fraternidade que lhes havemes de chamar?

Ora pois...

*
* *

O' meninos, olhem como os jornaes hespanhoes fazem a propaganda republicana:

«A Republica é o teu pão. Queres ter pão seguro? Proclama a Republica!»

Isto vem em «Las Dominicales».

Depois, se apoz a implantação da Republica, o Povinho começar a porguntar aonde é que está o pão seguro, dão-lhe... laranjas de Setubal, para não causar dificuldades á republica!

Que bem que elles promettem!...

*
* *

E o paê Theophilo na despedida do ministro do Brazil, de chapeu alto na cabeça e chapeu de chuva na mão?

Parecia mesmo o *Borda d'Agua*...

Viu-se-Grego

No primeiro dos ultimos «Casos bicudos» onde se lê *veem*, façam o favor de lêr *vem em* e *recolher* em logar de *reculher*,

Valha-me um revisor que não deixe passar gralhas...

Ora o sugeito

O dr. Zé d'Almeida chama rubros aos estudantes, que em Coimbra, ha tempos escreviam artigos inflammados.

E o dr. quando d'antes escrevia artigos inflammados não era rubro tambem?

Beijocas e... taponas

II

A 119 padres que não querem acceitar as pensões.

Cuidado seus padrecas thalassões
Em não fazerem muito barulhinho,
Porque se perde a tola o Zé Povinho
Atira-se a vocês aos cachações.

Deixem-se de protestos repontões
Contra essa lei do energico Affonsinho,
E vão gastando a teca, esse baguinho,
Que o governo lhes dá como pensões.

P'ra ficarem isentos dos peccados
Rezem com devoção a santa Martha
Ou vão beijar o annel do Santo Pio!...

Mas se querem ser sempre uns desalmados
Podem irem mas já p'ró raio que os parta
Ou então vão p'ro polo apanhar frio. (1)

(1) Este verso pode-se ler d'outra forma.

Zé Ilheu.

Lá isso é...

Olhem que o dr. Camacho quer as padarias todas cheias de casas de banhos e outras coisas hygienicas!

Lá no que diz respeito aos mais é elle aceadinho...

CLARISSIMO

Diz o *Mundo*:

«Quem disser que a provincia não é republicana falseia a verdade!»

'Tás a ver!... E
Quem disser que o amar não custa
Decerto que nunca amou.

Ora, ora...

Os electricos do Porto, guiados por inexperientes teem-se farto de esborrachar gente.

E a companhia ralada! Antes matar gente do que acceder ás reclamações dos grevistas!!

— Dar se uma lavagem nas bolas do Cunhal das ditas.

— Haver um economico pataco que chegue ao Mario Rodrigues para fazer a barba.

— Os padeiros poderem-se agora estabelecer a não ser que disponham de grandes massas.

— Ser votada a Constituição.

— Fallar aquelle celebre deputado que o Zé de Leiria elegou.

— Os corticeiros deixarem de querer que o deputado Jacintho Nunes ande á procura da rolha.

— Applicar-se uma pastilha «lavatoria» nas faces do predio n.º 203 da R. da Rosa, pois quando está assim pela frente é de prever o que irá lá pelas trazeiras.

— Acabarem-se as obras na Imprensa Nacional.

— Deixar de haver nomeações que nos deem vontade de rir, como aquella d'um sabio orador e vehemente pedagogo para reitor da Universidade de Lisboa.

— O «Pintor» deixar de ser o santo advogado das «taboletas».

— O Viu-se Grego apparecer nos sitios combinados.

— Deixar de ser papá, o sacerdote Grunho, da Rascoia, freguezia de Avellar, padre em tempos celebrisado nas gazetas por façanhas jesuiticas.

— Deixar de ser mamã, por já andar da maneira que vocencias fazem ideia, a ama deste lindo apostolo do Senhor.

— O mesmo masmarro deixar de corar immenso quando lhe fallam na Arminda.

— As autoridades de S. Thiago Maior que foram escolhidas a dedo, não serem cada vez mais thalassas.

— O director geral das Colonias não ser consultado por qualquer coisa de minima importancia, como por exemplo: um mosquito que mordeu no calcanhar do pé esquerdo de qualquer «espàritua.»

— Deixar de haver mulheres bôas, por mal dos nossos peccados.

— O dr. Affonso Costa decretar o amor-livre.

— Saber-se porque é que o dr. Zé d'Almeida era d'antes tão revolucionario e tão demolidor e e agora é tão conservador, chegando a mostrar a sua má vontade, como ministro, no Parlamento, e como jornalista no «Republica», para com os estudantes de Coimbra que escrevem agora, o que S. Ex.ª escrevia d'antes.

— Fazer-se uma ideia do exito da Collecção Theatral do Loreno.

— Os redactores d'este jornal terem ao menos dez reis para pevides.

— Não apparecer nos jornaes um bilião de alvitres quando se trata da mais simples coisa.

Vamos a isso?

O' meninos então quando é que se tomam providencias contra o monopolio do peixe.

Que diabo, parece que estão com medo d'elle!...

Perguntas Inofensivas

Pergunta a gente d'*O Zé*
Quando é que vem o momento
De'estalar grande banzé
No Parlamento?

Pergunta toda a nação
Desde Cóina a Mata Cães,
Quando ha outra commissão
Para o dr. Magalhães?

Pergunta o pobre Povinho
Que não ganha p'ró petrolio.
Quando acaba o monopolio
Do peixinho?

O monopolio da entrelinha

Trapassa em innumeros actos e immensos quadros — Musica da fallecida Companhia dos Ascensores e lettra muito miuda da Companhia dos Electricos e d'uma vereação thalassa

Ora como prova de que elles teem feito tudo o que lhes dá na soberana excelsa, e poderosissima gana, vamos dizer a *vocelencias* o seguinte que fomos rebuscar ao n.º 8871 do «Seculo»:

O contracto da Camara Municipal com a Companhia Carris de Ferro de Lisboa, não era, na sua primitiva redacção, um monopolio.

Era—como já tivemos occasião de dizer—uma simples concessão para a tracção eletrica. Era simplesmente um exclusivo de systema, uma licença para matar gente por meio de calhas, rodas e travões, tudo isto movido por electricidade.

Dizia assim a respectiva condicção do contracto:

> «Nenhuma nova concessão por tracção mechanica poderá ser feita pela Camara dentro do perimetro da rede geral concedida á companhia, salvo accordo previo com a mesma companhia».

Como se vê, aqui só se dava ao lindo syndicato de Santo Amaro o exclusivo do systema electrico de mata gente. Mas, claro, que isto não convinha á ganancia dos sympathicos inglezes.

Por isso alguem lá da panelinha armou-se d'um bacamarte (mas tão estupido que com balas differentes) e esperando o contracto a uma esquina deu-lhe um tiro de morte.

E depois da concessão assassinada appareceu o monopolio.

A condição do contracto que acima transcrevemos ficou assim metamorphoseada:

> «*Fora do caso previsto na condição 6.ª* nenhuma nova concessão *ou licença de viação* por tração mechanica *para exploração de transportes collectivos de passageiros*, poderá ser feita *dentro do praso d'esta cancessão* pela Camara dentro do perimetro da rede geral concedida á Companhia, salvo accordo previo com a mesma Companhia.»

Ora, como «estás a ver ó viroscas» estas simples entrelinhas, estas innocentes batotinhas, principalmente aquellas palavras *ou licença*, fizeram uma verdadeira revolução no contracto.

A condicção que ao principio estava clara como agua de regato, depois do assalto, ficou escura como agua barrenta fornecida pelo sr. Ressano Garcia a dois tostões cada metro.

E' como quem diz que onde estava *emprestado*, ficou *emprestadado*.

Onde se via uma *concessão* appareceu um *monopolio* e a cidade de Lisboa ficou entregue aos sympathicos de Santo Amaro pelo «curto» espaço de 99 annos, que é para se não dizer um seculo!

— Mas — perguntarão — pode se assim impunemente alterar o sentido d'uma escriptura depois d'ella assignada e legalisada?

Não, meus caros amigos. Os codigos Civil e Penal não o consentem.

Nada se podia alterar no contracto, mas como se tratava de explorar o Povinho, foi possivel fazel'o.

Em se tratando de tirar a pele ao *Zé*, tudo se arranja!

Viu-se Grego.

O governo faz justiça

Decreto

Sendo de toda a justiça premiar todos aquelles que honram a Nação Portugueza levantando o seu nome tão glorioso ás altas culminancias que por vezes tão distinctamente ella tem attingido e sendo nosso dever não esquecer os que pela arte de Talma enaltecem o honrado nome de Portugal, em nome da Republica havemos por bem decretar o seguinte:

1.º—E' publicamente louvado o illustre cidadão Antonio Santos, digno emprezario do *Colyseu dos Recreios*, pela sua actividade inexcedivel em bem servir o publico proporcionando-lhe os mais variados e interessantes espectaculos já apresentando as ultimas novidades sportivas já, por preços baratissimos, proporcionando-lhe occasião a que aprecie as mais celebres companhias de opera e operetta, como succede actualmente com a distincta companhia Cittá di Firenze.

§ unico.—E' louvada especialmente a sr.ª Ida Zoada pela fórma arrebatadora como tem interpretado os principaes papeis das peças do reportorio da companhia citada acima, incitando d'essa forma as artistas portuguezas a que se aperfeiçoem na arte de representar.

2.º—De egual forma são premiados os artistas sr.ªs D. Adelina Abranches, D. Aura Abranches, D. Luz Velloso e srs. Alexandre Azevedo, Pinto Costa e Raphael Marques pela sua arrojada tentativa de implantação do theatro ao ar livre em Portugal, empreza que tem sido coroada de maior exito causando successo as representações no *Jardim da Estrella*.

3.º—Egual periodo é conferido á empreza do *Theatro Apollo* por muito concorrer, com as representações de engraçadas peças, para que o povo viva alegre e divertido.

4.º—Ao distincto cidadão Affonso Taveira é tambem conferida egual honra como premio pela maneira brilhante como põe em scena todas as peça que se inhibem no *Theatro da Trindade* sendo notavelmente vestida a «gente miuda» que todas as noites n'este theatro dá espectaculos sendo todos os artistas freneticamente applaudidos pelo publico que por completo enche a casa.

§ 1.º—E' louvado em especial o scenographo José de Almeida que patenteando mais uma vez quanto extraordinario é o seu talento contribuiu de uma forma poderosa para o levantamento da arte que com tanto carinho abraçou no nosso paiz.

§ 2.º—Aos porteiros d'este theatro será paga pelo ministerio das finanças a pensão diaria de 500 réis pelo duplicado serviço que desempenham verificando os bilhetes do theatro e do Salão da Trindade.

§ 3.º—A pensão cedida no § 2.º será desde hoje.

Os ministros de todas as repartições o façam imprimir, publicar e correr.

Paços do Governo da Republica, aos 17 de julho de 1911.=*Joaquim Theophilo Braga=Antonio José d'Almeida=Bernardino Luiz de Machado Guimarães=Antonio Xavier Correia Barreto=Amaro de Azevedo Gomes—Brito Camacho.*

Applaudimos com o maior enthusiasmo o decreto que transcrevemos acima sentindo porem bastante n'elle não vermos justiça aos humildes que embora sempre desprezados pelas emprezas, muitas e muitas vezes teem levantado peças.

A classe dos coristas decerto ficou maguada ao ter conhecimento dos louvores concedidos pelo governo e que ella foi esquecida. Temos comtudo esperanca que o mal será remediado e uma portaria virá que faça justiça a essa classe tão sympathica.

Zé Pimenta.

A' ultima hora

Os coristas são louvados pelo governo

Depois de termos escripto meia duzia de palavras manifestando o nosso pezar por a querida classe dos coristas não ter compartilhado dos louvores que o governo concedeu aos seus companheiros de trabalho, chega-nos o seguinte decreto que nos enche de jubilo:

«Hei por bem e por sêr de justiça louvar a tão sympathica quanto util classe dos coristas rejubilando por, em virtude de encargo especial do governo, esse louvôr ser concedido por intermedio do Ministerio do Interior.

Considerem-se pois louvados pelo governo da Republica todos os coristas dos theatros de Portugal onde prestam os mais rasgados serviços á arte de representar sendo dignos de especial nota os do *theatro das Variedades* e do *Colyseu dos Recreios*

Paços do Governo da Republica aos 17 de julho de 1911.—O ministro do Interior Antonio José de Almeida.

É esta a egualdade e liberdade; a fraternidade foi lá fóra!...

O Zé que esteve na rotunda está compensado e os talassas foram postos á margem.

A justiça diz que se pode conspirar, roubar e assassinar pois não havendo provas não ha perigo. Desgraçado do que lhe cair nas mãos e que seja republicano! ai d'elle!